

07
CASA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIGÃO



ASTARAS

S. Ph.
Kellner

heller

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

TERCEIRA SERIE

TOMO III

Maio de 1879

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1879



AS FARRAS

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon

SUMARIO

Recomeçamos. Os nossos feitos de guerra. A bengala do rei de Dahomey, as tundas negraes e a jornada de Bolór. A questão africana perante o parlamento. Os missionarios nas provincias ultramarinas. O baptismo no sertão. Os dogmas e os pregos. A escravidão, o trabalho livre, o regimen industrial das colonias. A exposição dos nossos productos maritimos em Paris. O caso Paiva de Andrade.—A investidura do Tosão de Ouro no insigne cavalleiro Amadis Pereira de Mello: philosophia d'essa tocante cerimonia.—A decadencia da sociedade portugueza pela theoria zoologica de Darwin. A degeneração pela selecção artificial e a revivescencia pelo instincto da imitação.—Considerações uteis ácerca da chaminé da Padaria Militar e do sentimentalismo monarchico.—A sala de D. João v na exposição portugueza no Rio de Janeiro. Da influencia d'esse piedoso rei na industria e na prosperidade geral do reino. O governo de sacristia, o commercio, a agricultura, a navegação e a arte sob esse paternal dominio.—Das confrarias e das irmandades religiosas consideradas como agentes therapeuticos nas enfermidades dos principes.—Ao lado de el-rei.—A musica em Lisboa.—A casa de hospedes e a influencia d'esta instituição nos costumes.—O barrete cardinalicio.—A queda do ministerio.

Circumstancias imprevistas e insuperaveis detiveram-nos por longo tempo longe d'este posto. Não nos desculparemos. Isso equivaleria a aggravar a demora, tornando-a mais longa. Innumeros factos accumulados esperam-nos em um montão desordenado. A grande necessidade imperiosa que sentimos é a de chegar. O que pedimos unicamente é uma boa e solida penna, dura e rapida, que dê o traço rijo, o contorno grosso, o borrão pesado! Que nos perdoem ou não, mas que nos deixem, quanto antes, sobre esta pagina doce e amada, carregar a mão n'essa penna, obrigando-a a ranger, a morder, a sibilar no papel, a dar a esfusiada vibrante, angulosa e rispida, fazendo chispar da linha, como feixes de farpas desfrechadas, a esparrinhadura negra e scintillante da tinta!

Na guerra tivemos o encontro do rei de Dahomey e tivemos a jornada de Bolôr.

O rei de Dahomey investe com um dos nossos presidios de Africa, apodera-se da guarni-

ção militar da praça e leva-a comsigo para palacio.

Antes de serem devoradas pelo negro, as nossas tropas são por elle batidas com delicadesa culinaria, sobre sua real taboa dos bifés, a golpes de sceptro, — sendo de notar esta particularidade historica: no reino de Dahomey o sceptro não é como entre nós uma intangivel entidade da metaphysica constitucional, mas sim uma bengala.

Attentando porém na deploravel magresa do nosso exercito, no qual apenas se começa a engordar no posto de major, o rei de Dahomey, lambendo os beiços de gula reprimida, suspende o instrumento da soberania e para obviar á esqueletica patente inferior das nossas praças de pret, resolve recolhel-as por algum tempo no comedouro attinente ás reaes ueharias, e determina não devorar soldado algum emquanto por meio de uma alimentação apropriada e da ausencia de desgostos moraes o não houver promovido á nutrição de coronel.

As tropas escrevem para a metropole, ao *Diario de Noticias*, epistolas jocundas:

«Meu Eduardo. — Sua magestade é muito bom comnosco. Está-nos engordando.»

Esperava-se com bons fundamentos que no correio seguinte as nossas tropas dissessem ao Estado:

«Meu Eduardo — Sua magestade continua a ser cada vez melhor comnosco. Está-nos digerindo.»

Em vez d'isso porém as ultimas noticias acabam de chegar e as cartas para o reino dizem-lhe:

«Bom Eduardo — Depois de nos haver engordado até o elevado posto de generaes de brigada com commissão e forragens, sua magestade, examinando-nos detidamente a um por um, poz-nos fóra das portas do palacio e, fazendo um gesto de nausea, intimou-nos a que evacuassemos o territorio com uma celeridade vertiginosa. Humilhação e vergonha para o nosso exercito, meu Eduardo!...»

E a missiva termina com esta phrase meia diluida no vestigio de uma lagrima:

«Sua magestade não gostou de nós!»

*

Em Bolôr a guarnição portugueza, composta de seis homens e um cabo, é desfeiteada. O go-

vernador da Guiné acode em um navio de guerra e desembarca cincoenta homens encarregados de irem bater o gentio rebelde, descarregando previamente as espingardas e tomando todas as demais precauções que a prudencia aconselha para o fim de não damnificar o inimigo.

As tropas internam-se no sertão, d'onde expedem poucas horas depois um emissario ao governador, o qual ficára a bordo agrilhoado ao pangaio da honra e victima dos mesmos sentimentos de valor que nos dias de batalha naval retinham á terra firme a bravura de Luiz XIV, *dont la grandeur l'attachait au rivage*.

Segundo o emissario as tropas avistam no horisonte os *pontos negros*, bem conhecidos por uma brochura celebre sobre a qual calvou de ardor e de enthusiasmo prophetico o illustre publicista sr. Barros e Cunha. O governador da Guiné ordena ás tropas que retirem, attenta a pontuação negra prevista no horisonte em extasis sacerdotaes pelo marabuto de Silves sr. Calva e Cunha. As tropas retiram com effeito, mas não tão velozmente que os pontos negros não tenham tempo de lhes applicar uma derrota monumental, de que unicamente esca-

pou o governador, salvando a vida pela circumstancia miraculosa de se ter esquecido de a arriscar.

De bordo do chaveco real o governador disparou um tiro de peça sobre a parte do horizonte em que appareciam os pontos tão negros como rebeldes. A peça, ou por um sentimento de susceptibilidade virginal ou, como muito bem disse no parlamento o sr. ministro da marinha, *por outro qualquer motivo*, recuou até arrombar a amurada do chaveco e submergir-se no mar com a respectiva carreta. Se o governador tivesse tido a sabia precaução de apontar essa peça voltando-a com a bocca para si proprio e com a culatra para o negro, os estragos d'esse instrumento de guerra sobre as hostes inimigas haveriam sido tremendos e incalculaveis.

*

Ao chegar á metropole a historia sentimental d'essa pudibunda bocca de fogo, o governo delibera arrasar Bolôr, mandando com esse fim partir para a Africa o mais devastador dos vasos de guerra, o invencivel *Hugh Parry*, cujas tendencias bellicosas haviam sido bem mani-

festas na maneira asmatica com que esse vapor de rodas patinhára por algum tempo nas aguas do rio Sado com terror geral das bogas e dos barbos.

Uma commissão de peritos encarregada de constatar oficialmente a força illimitada do *Hugh Parry* declara que elle só poderá chegar á Africa: 1.º se....; 2.º se....; 3.º se...; 4.º se....; etc., etc.; concluindo-se do exame dos peritos que, sem estabilidade, sem bocca, sem propulsor, sem fundo, sem armação, sem condições algumas que lhe permittam navegar no oceano, essa medonha machina de guerra só poderá conseguir o fim a que se destina de desbaratar o Jefungo, se a podérem pôr á frente do inimigo empacotada em um bom caixote e collocada aos hombros de quatro mariolas energeticos mas prudentes.



Es ses dois factos memoraveis, o de Bolor e o de Dahomey, bastam para revelar toda a sollicitude empregada pelo governo portuguez na gerencia dos negocios coloniaes.

O rei de Dahomey está desde muitos annos

na posse d'este uso: por occasião das grandes festas do anno, elle dirige-se ao presidio portuguez mais proximo, apodera-se delicadamente do sr. alferes commandante da guarnição e applica-lhe invariavelmente uma tunda, — uma verdadeira tunda regia... e negral.

Sujeitos por essa fórma ao sceptro de Dahomey os nossos alferes deterioram-se rapidamente na governação dos presidios. Sempre que algum d'elles, no dia immediato ao da regia visita, não consegue reconstituir os ossos do seu esqueleto pela mesma ordem em que elles anteriormente se achavam, o governo da metropole apressa-se a substituir o alferes desconjuntado, offertando um alferes novo e inteiro ao sceptro do de Dahomey.

Os soldados, sem educação militar, sem pratica das armas, sem as indispensaveis condições de hygiene, de commando, de munições, de uniforme, de armamento, são expedidos de encontro ás sublevações dos negros com o mesmo carinho desvelado com que se expede para o matadouro uma rez tinhosa e maldita.

Com soldos indecorosamente mesquinhos, mal vestidos, mal calçados, armados de velhas escopetas abandonadas por vergonhosas nas

paradas e nas revistas militares do reino, sem ambulancias regulares, sem regimen hygienico, sem provisões de roupa branca, de café, de sulphato de quinino, os nossos soldados de Africa, miseraveis, sujos, andrajosos, doentes, atacados pela *vermine*, pela ictericia, pelas febres palustres, representam a consummação de um dos maiores crimes da administração portugueza. As *Farpas* tiveram já occasião de referir os sabios cuidados com que o governo inglez protege os seus soldados nas expedições africanas. Nada falta ao soldado inglez sob o clima africano, dinheiro, abundante roupa branca, o uniforme mais adequado ás condições climatologicas, as melhores munições de guerra, as espingardas mais perfeitas, as provisões constantemente renovadas de café, de sulphato de quinino, de vinagre de *toilette*. Se não fosse esta organização exemplar, a guerra precipitadamente declarada ao rei dos zulus por sir Batle teria tido recentemente o resultado mais funesto para o dominio inglez na Africa. Se, depois de ter batido triumphantemente as tropas commandadas por lord Chelmsford, o rei Cetewayo não invadiu com o exercito indigena as colonias do Transwal e do Na-

tal foi unicamente porque o conteve em respeito o conhecimento que tinha da superioridade enorme do equipamento britânico.

Na Africa portugueza, affirmam-o os viajantes, ha melhores armas no sertão do que nas mãos dos nossos soldados.

*

De quando em quando os srs. ministros da marinha, depois de um maduro estudo da questão colonial, expõem ás duas casas do parlamento esta solução de character intermittente e invariavel:

«Sr. presidente! Foi implantando nas plagas africanas a cruz do Redemptor que nossos paes conseguiram subjugar a feroz raça etyopica agremiando-a na religião sublime do Calvario. (Vozes: Muito bem! muito bem!) Do que nós precisamos na Africa... (Vozes: Ouçam! ouçam!) Do que nós precisamos na Africa, sr. presidente, é de sacerdotes liberaes, de sacerdotes que, comprehendendo as verdadeiras maximas do martyr do Golgotha, não façam do seu sagrado ministerio um instrumento de cobiça e de veniaga, antes considerem que a

religião, a verdadeira religião, a unica religião possivel... (Vozes: Isso! isso!) A religião de nossos paes, sr. presidente, aquella em que todos nós fomos nascidos e creados, é o melhor penhor e a mais solida e segura garantia da ordem, do progresso, da civilisação e da liberdade! (Sensação profunda. Vivos e prolongados applausos de todos os lados da camara.)

*

E o governo para o fim de civilisar a Africa envia-lhes padres, os quaes baptisam os pretos.

Os pretos deixam-se baptisar, porque nada lhes é mais completamente indifferente do que serem baptisados ou não o serem. Ha pretos que se teem baptisado vinte, quarenta, oitenta vezes, sem ficarem por isso nem mais nem menos pretos. Esta noticia propalada no sertão tem dado ao sacramento do baptismo entre a raça negra a popularidade das coisas inoffensivas.

Um missionario que durante longos annos fizera a cathechese em Africa dizia-nos:

«Não é possivel encontrar gente mais estúpida para entender os dogmas do que esta ca-

nalha. Os selvagens são tão brutos que não ha meio algum de lhes fazer comprehender que só ha um Deus unico, o qual unico Deus vem a ser o Padre, o Filho e o Espirito Santo. Um pretalhão, que eu quiz mais especialmente iniciar n'este augusto mysterio fundamental da nossa crença, acabou por me declarar que só consentiria em que eu lhe fizesse entrar na cabeça o meu Deus depois de me ter mettido a mim na barriga o Deus d'elle. Ora dava-se a circumstancia de que a divindade, objecto das adorações da grande besta idolatra, o seu fetiche n'esse momento era precisamente um prego de palmo e meio de comprido! Depois de os baptisar não ha senão uma coisa que fazer a estes animaes: que é vendel-os para terras de christãos, onde a doutrina se lhes ensine com umas boas cordas, onde as unhas das mãos se lhes arranquem systematicamente nas lições do catecismo com uma palmatoria de buxo, e onde estejam debaixo de chave — os pregos.»

*

Em uma memoria offerecida á Associação Maritima e Commercial de Lisboa, em 1840,

pelo socio Antonio Maria Couceiro, o auctor considerando mui piedosamente a pręgação do Evangelho como um poderoso instrumento da civilisação africana, diz o seguinte :

« Quanto aos sujeitos empregados nas missões poucos teem correspondido porque em geral, e principalmente n'estes ultimos tempos, os religiosos mandados para as missões da Africa eram os que menos virtude e capacidade tinham, e em vez de cathechisarem escandalisavam, ou morriam em breve, victimas de uma vida desregrada, ou ricos de ouro voltavam para o reino ou para o Brazil; consistindo todo o trabalho da missão em baptisar por junto (perdõe-se-me a expressão), os bandos de negros que os traficantes de escravos traziam dos sertões, e que sem mais doutrina lá iam morrer no porão de um navio, ou na America, sem outro algum conhecimento da lei de Christo, nem mesmo a lembrança do nome que lhes haviam posto.»

*

Desde o seculo xvi até hoje os padres teem sido o unico instrumento de civilisação empre-

gado pelo governo portuguez no regimen colonial.

No seculo xv as nossas relações commerciaes com a Africa achavam-se organisadas.

Os navios que d'ali vinham carregados de riquezas tinham ido para lá carregados de mercadorias e de operarios. João de Barros dizia: «Eu não sei, em este reino, jugada, portagem, dizimo, cisa ou algum outro direito real mais certo nem que regularmente em cada anno a si responda, sem rendeiros alegarem esterilidade ou perda, do que é o rendimento do commercio da Guiné; e tal que, se o soubermos agricultural e grangear, com pouca semente nos responderá com maior novidade que os reguengos do reino e lezirias do campo de Santarem.»

Depois de D. João II a decadencia da Africa principia pelo desvio das attenções para a Asia e para o Brazil e pelas guerras dos hollandezes, e continúa até os tempos modernos mantida progressivamente pelo trafico ruinoso e dissolvente da escravatura.

A escravatura foi a ruina da Africa. Em uma biographia do vice-almirante Luiz da Motta Feio e Torres, publicada em Paris em 1823, lêem-se estas linhas expressivas: «O numero

dos escravos exportados para o Brazil desde 1816 até 1819, isto é, no decurso de tres annos, subiu a 53:427; de Benguella saíram em um d'estes annos 4:048; de sorte que a quantidade de escravos despachados nas alfandegas chega a perto de 22:000 por anno. Se a este numero se juntarem os que saíram de outros portos subtraídos aos direitos, poderá conhecer-se a que ponto monta a perda da população que poderia empregar-se na pesca, na cultura, na mineralisação das possessões da Africa occidental.»

Para calcular a despopulação produzida pela escravatura seria preciso ainda levar em conta o grande numero de escravos que morriam antes de embarcar por accidentes de viagem, por doenças, por suicidios. Os terrenos proximos dos portos, onde os escravos eram guardados a monte, encontram-se hoje cheios de ossadas dos que succumbiam e eram enterrados pelo rebanho.

Em 1829 o juiz de fóra Dyonisio Ignacio de Lemos Pinto, officinando ao governador de Moçambique, dizia-lhe: «Os habitantes dos estabelecimentos de Inhambane, Sofala, etc.; entregando-se todos ao commercio dos escravos,

fizeram dos sertões um theatro de continuas guerras para haverem escravos, de que resulta a devastação em que se acham os mesmos sertões e por consequencia a falta que padecem dos artigos de primeira necessidade.»

Nas povoações do litoral a convivencia dos negreiros dissolvía a moral, pervertia os costumes, aniquilava o trabalho, vulgarisava a crueza, a dissipação, o espirito da aventura, o jogo, a intemperança, o deboche.

A decadencia do homem communicava-se á natureza da região que elle habitava, e logares conquistados para a civilisação, semeados pelo trabalho, florescentes e saluberrimos, como por exemplo S. Thomé e Príncipe, revertiam ao estado virgem e tornavam-se pelo abandono pestiferos e inhabitaveis.

Para honra da humanidade, para desaggravo da razão humana, um pequeno paiz, a Dinamarca, empregava os mais bellos esforços para conseguir a abolição da escravatura na Africa. Por um sentimento de proveito politico e por uma corrente nacional de phylantropia, a Inglaterra apoia os esforços da Dinamarca. Portugal cruzava os braços diante da vergonha ignominiosa de que eram theatro as suas possessões

e continuava a occorrer ás necessidades da civilisação na Africa expedindo-lhe padres.

*

Em 1839 o capitão general do reino de Angola, Antonio de Saldanha da Gama, envia ao governo e faz imprimir em Paris uma importante memoria, que principia por estas palavras: «Sendo a abolição do trafico da escravatura um negocio em que a Inglaterra tenciona empregar toda a sua influencia politica, e tendo esta potencia conseguido já o concurso dos principaes gabinetes da Europa para esse fim, é indubitavel que mui pequeno será o periodo durante o qual os portuguezes poderão continuar a fazer aquelle trafico; e é tambem certo que se o governo portuguez não cuidar seriamente desde já em effectuar uma mudança no systema da economia peculiar das suas colonias, que subsistiam principalmente dos redditos do commercio dos negros, estas se arruinarão e porventura se perderão inteiramente para Portugal.»

Na Memoria de Saldanha da Gama são indicadas muitas fontes de commercio e de in-

industria existentes nas colonias portuguezas da costa occidental da Africa, fontes até então improductivas e susceptiveis de serem exploradas para o trabalho e para a civilisação. O auctor cita a cultura do algodão, do café, da palmeira dendê, do ricino, do mendobi, da canna de assucar, da mandioca, da noz muscada, dos tamarindos; a industria das pelles, das pennas de marabú, do marfim, do dente de cavallo marinho; a industria da cera, das gommas, das resinas; a industria das minas de carvão, das minas de ferro, das minas de cobre, das minas de petroleo; a industria importantissima das pescarias e principalmente do peixe salgado; a exploração das madeiras, provenientes de arvores pequenas mas extremamente solidas e de coloridos muito delicados, proprias para as melhores obras de marcenaria e de marchetaria.

Os annaes maritimos e coloniaes encerram nas suas columnas muitas outras indicações preciosas para o estabelecimento de um regimen industrial na Africa.

O governo tem sido completamente surdo e indifferente a todas essas sugestões. Nem uma só medida governativa tem sido tomada para o

fim de civilisar a Africa pela organisação do trabalho livre.

Em tempo fundou-se em Lisboa, para o fim de chamar a attenção do publico para as nossas riquezas coloniaes, um museu dos productos ultramarinos. Muitos especimens das producções agricolas e mineralogicas e de artefactos de industrias locaes foram zelosamente colligidos. São passados nove annos. Ainda se não fez um catalogo descriptivo d'esses productos, cuja historia se acha sepultada n'um mysterio tenebroso e inviolavel!

De quando em quando os frascos mais apparatusos d'esse museu são enviados ás exposições universaes celebradas nos paizes estrangeiros. Esses frascos andam desde um certo numero de annos de terra em terra, representando os generos coloniaes portuguezes, já em Londres, já na Philadelphia, já em Vienna... Ultimamente em Paris, abertos por curiosidade alguns d'esses frascos ornados dos disticos mais pomposos, reconheceu-se que o que nós andavamos expondo dentro d'elles, desde muito tempo, como productos das nossas industrias coloniaes, era unicamente gorgulho.

Para limpar o museu os preparadores serão

obrigados, pouco e pouco, a deital-o fóra, de sorte que quando o catalogo estiver de todo concluido é natural que o museu esteja de todo desfeito.

*

De resto sabe toda a gente que a administração das colonias é impossivel sem uma boa marinha. Ter colonias sem marinha no ultramar é o mesmo que ter provincias sem estradas e sem policia no continente.

Para ter marinha a primeira condição é ter marinheiros. Para crear marinheiros é preciso ter pescadores. O character maritimo de um povo faz-se nas chamadas *grandes pescas*, como a pesca do bacalhau; faz-se na convivencia e na escola do mar; faz-se nos habitos da navegação.

Para apreciarmos por um só traço o que o governo portuguez tem feito para a prosperidade da navegação e da pesca basta lançarmos os olhos ás estatisticas. Segundo os mappas dos ultimos cinco annos a lotação das embarcações construidas nos diversos pontos dos nossos departamentos maritimos diminue successivamente.

A navegação em navios portuguezes tende de anno para anno, no retrocesso mais rapido, a abandonar o longo curso e a tornar-se de simples cabotagem. Veja-se o annuario estatistico do unico anno de que temos estatistica em Portugal o de 1875.

Em quanto á pesca, sendo o nosso clima o mais apropriado para a seca, sendo o sal abundantissimo e da melhor qualidade, sendo todo o paiz de litoral, sendo numerosos os rios frequentados pelos peixes mais preciosos, como o salmão, a truta, a lampreia, parece que a industria da pesca deveria ser, pelas nossas condições geographicas, por nossa vantagem politica, por tradição nacional, por patriotismo e finalmente por utilidade economica, a mais estudada, a mais protegida e a mais prospera de todas as nossas industrias. Pois bem: sabem o que succede? No anno de que temos estatistica, — sempre o anno de 1875 —, nós, paiz de beira-mar, fertilisado por uma grande quantidade de rios, de ribeiros, de lagôas, importamos pescarias no valor annual de 1:346 contos de réis! Mil trezentos quarenta e seis contos de pescarias importadas!

Expostos esses simples factos é inutil acres-

centar uma palavra de critica. A nossa administração maritima e colonial esta julgada. A sua ignorancia é provada, a sua incompetencia manifesta.

*

O Estado tem tido ácerca das colonias, invariavelmente, desde muitos annos, esta ideia: que ellas são um assumpto poetico, do dominio exclusivo das musas. De sorte que, quando se trata de fazer um ministro da marinha, o estadista encarregado pelo soberano de formar governo pega na pasta das flores d'alma e do ultramar, mette-a debaixo do braço a um correio de secretaria e á hora de fecharem os pianos sentimentaes da Baixa ordena a esse correio que espicasse o garrano symbolico do poder atraz do primeiro recitador noctivago que passar no Aterro.

*

Se para explorar industrialmente a Africa o governo não faz coisa alguma. O publico pela sua parte faz exactamente o mesmo que o go-

verno. E nada é mais tocante ácerca da importância de tal caso do que a conformidade sympathica d'essas duas opiniões! A Sociedade de Geographia tentou recentemente crear um fundo pecuniario destinado ás explorações da Africa. A subscrição nacional aberta para esse fim produziu em Lisboa a quantia de — *uma libra*.

*

Ha poucos mezes, na Exposição Universal de Paris, demos ao mundo como paiz maritimo o espectáculo de uma potencia que abdica da sua acção no progresso, que voluntariamente se demitte da civilisação.

Atraz de uma fachada sumptuosa, que pelo stylo symbolico da sua architectura comemora o dominante papel que tivemos no movimento scientifico e no movimento artistico da Renascença, atraz d'essa fachada que é, ao lado dos *Lusiadas*, a cristalisação do grande ideal de um povo de geographos e de navegantes, appareceu dentro do recinto destinado a receber os productos da nossa actividade industrial a exhibição dos artefactos mais ingenuamente imperfeitos, denotando no seu conjuncto o des-

vio flagrante da vocação de um povo torcido do seu destino pela ignorancia e pela incompetencia da direcção a que se submetteu. Entre essa fachada e essa exposição não existe a corrente natural dos successivos desdobramentos de uma civilisação. Entre essa architectura grandiosa e essa industria tão rudimentar, tão mesquinha e ao mesmo tempo tão pretenciosa e tão estafada, não ha sequencia historica, não ha a concatenação normal de phenomenos evolutivos. Na trajectoria do nosso destino houve uma soluçõ de continuidade entre o seculo xvi e a idade moderna. O despotismo monarchico e o despotismo theologico despedaçaram a cadeia das nossas tradições. O regimen liberal, por falta de criterio scientifico, não soube ainda ligar o fio da nossa actividade presente ao forte impulso da antiga civilisação violentamente truncada durante mais de tres seculos pelos agentes mais perturbadores do movimento progressivo de uma sociedade.

Os estrangeiros que passavam na Rua das Nações depois de transporem com respeito o bello portico manuelino que dava entrada para a exposiçõ portugueza pasmavam de não encontrar entre os nossos productos nem o mi-

nimo vestigio da actividade maritima celebrada no livro porque ainda somos conhecidos no mundo — o poema de Camões. Nem sequer como decoração, como accessorio ornamental, se pensou em mostrar aos estrangeiros que somos um paiz de beira-mar! Nem uma vela, nem uma rede, nem um apparelho de pesca, nem um instrumento nautico! As embarcações, tão interessantes, empregadas na pescaria das nossas costas, não estavam ali representadas. Nem uma simples photographia dos typos tão caracteristicos dos nossos maritimos da Povia de Varzim, de Ovar, de Villa Nova de Portimão! Nem um só producto, ou uma planta, ou uma vista de algum dos estaleiros dos nossos departamentos maritimos! As nossas antigas cartas geographicas, os nossos roteiros, os nossos famosos portulanos, tinham ficado no reino sob a poeira inviolavel dos archivos. Finalmente nem um unico symptoma, por mais tenue que elle fosse, além do stylo decorativo da fachada, poderia indicar que a exposição portugueza procedia de um paiz que geographicamente não é mais do que uma larga praia, *a occidental praia lusitana*.

Este simples factio, — o esquecimento de fa-

zer representar na exposição portugueza a nossa industria e a nossa historia maritima bas-taria, quando não tivessemos uma accumulção immensa d'outras provas, para patentear a indifferença somnambula dos nossos governos e das nossas altas classes dirigentes pelos interesses coloniaes do paiz.

As intelligencias que mais ou menos directamente nos governam estão com relação á administração ultramarina n'um estado de syncretismo brahmanico, em que nada se empre-hende nem comprehende, em que nada se resolve, em que nada se decide, em que as coisas se não entrevéem senão envoltas n'uma obscuridade novoenta, atravez de uma indeter-minação crepuscular.

Suas excellencias estão contemplando, ou estão simplesmente dormindo?

Seria talvez tempo de sahirnos d'esta duvi-da, apoderando-nos dos narizes das classes di-rigentes e sacudindo-lh'os por algum tempo com o respeito vigoroso, profundo e tenaz que todos os narizes altamente collocados devem me-recer á critica e á opinião das massas.

Estavam os negocios da colonisação africana no estado que temos procurado descrever quando um homem cujo nome ousamos apenas proferir — de tal modo a reprovação geral o tem tornado um objecto de horror — o sr. Paiva de Andrada solicitou e obteve do governo a concessão de explorar por meio de companhias que o concessionario se propõe organizar e com o privilegio de vinte annos, as minas, os terrenos baldios e incultos e as florestas inexploradas em uma vasta extensão de 400 mil hectares na região do Zambeze, na provincia de Moçambique.

Cuidavamos nós que este facto extraordinario — o apparecimento de um cidadão honesto que se quer incumbir de explorar industrialmente a Africa, associando o Estado aos seus lucros e dando assim ao problema colonial a unica solução pratica que elle póde ter — seria geralmente considerado como um exemplo que todos se apressariam a favorecer e a louvar.

Não succedeu assim. As classes contemplativas, vendo um homem que se propunha atacar a esterilidade da riqueza africana emalando a sua ferramenta e partindo para fundar trabalho, tiveram um estremunhamento de

surpreza e de terror, e mil vozes ruidosas bradaram de todos os cantos do paiz, do fundo da imprensa e do seio do parlamento: «Impossivel! Permittir a alguem o direito de explorar na Africa as nossas riquezas, de tornar productivo o solo, de arrancar das minas os metaes, de extrahir do sertão as gommás e as madeiras, impossivel, impossivel! Nós ainda temos leis, e as nossas leis não permittem esse grande escandalo — o trabalho, essa enorme ladroeira — a industria. E ainda o concessionario nos falla em fundar companhias! Fundar companhias, elle, quando todos nós juntos ha quarenta annos nos temos apenas contentado em nomear commissões! Ainda se elle não organisasse companhias, se elle se contentasse em ir só, com um picão e com um sachó, picar as minas e sachar as florestas; se ao menos, por um ultimo resto de pudor, elle fundasse uma companhia portugueza, uma companhia constituida por esses ousados e resolutos capitalistas nacionaes que, congregados para crearem um fundo de receita para as explorações na Africa, subscreveram patrioticamente tão avultadas sommas que produziram o bem conhecido capital de 45500 réis... Mas crear companhias estran-

geiras, isto é: organizar com o dinheiro dos estranhos a nossa riqueza propria, é até onde pôde chegar o instincto perverso da felonía, o proposito descarado de embair e de roubar a patria.»

E sobre o caso inaudito d'esse homem que propoz — além das metaphoras parlamentares, dos relatorios dos ministros e dos governadores e ecclesiasticos encarregados de manter nas provincias ultramarinas o regimen administrativo do voltarete colonial, — mandar tambem á Africa, a titulo de experiencia, um pouco de trabalho livre, — sobre esse caso estupendo, dizemos, o paiz segregou mais fel do que comportavam os canos publicos e as pias das habitações particulares.

No real paço da Ajuda é solememente armado cavalleiro da insigne ordem do Tosão de Ouro o sr. Fontes Pereira de Mello. Para esse fim reune-se a côrte na sala do throno, segundo

o antigo ceremonial. El-rei, sua augusta esposa e os serenissimos infantes occupam o solio.

Os grandes do reino, os gentis-homens da real camara, o ministerio, o corpo diplomatico formam em fila por ordem hierarchica. Grandioso espectaculo!

A côrte com as suas barbas feitas e as suas botas calorosamente engraxadas, os olhos baixos, a luva côr de canario calçada na mão esquerda e descalçada na mão direita, andando de lado ou ás arrecúas, em passinhos curtos, nos bicos dos pés, aconchega-se arrebanhada.

Sob a pressão dos joanetes provectoros e veneraveis da nobreza, chia nos tapetes a solaría nova do calçado.

Espadões gloriosos reluzem suspensos dos boldriés e postos á frente das barrigas proeminentes e tympanicas dos velhos generaes.

Oculos fixos, de antigos plumitivos, scintillam enganchados aos perfis suinos da burocracia, condecorada com grão-cruzes de Carlos III e encanecida nos cotovellos em serviço da pública escripturação.

Mavoreios coroneis, de presilhas retezas e faces incendiadas pelo abuso do camarão e da amendoa torrada dos longos armisticios, afl-

lam para o throno, de que elles se dizem o sustentaculo, o beijo amoroso e devoto, onde o bigode rispido, curto, condensado e terrivel, semelha uma azeitona trazida no bico por um pardal.

O alto clero, para o fim de representar con-dignamente a igreja lusitana em tão solemne acto, extrae com zelo fervoroso de seu nariz primacial o rapé dos exercicios findos e col-loca rapé novo em abundancia proporcionada á grandeza do assumpto.

Um cheiro acre, de azebre, exhalado das bordaduras metalicas dos uniformes, dos cachos das dragonas, dos copos dos espadins e dos engastes das condecorações, paira no ar, adejando sobre os fluidos transmutativos das cabelleiras do Estado.

Sómente o recipiendario sr. Fontes Pereira de Mello se não acha na luzida assembléa. Um raio de sol atravessa obliquamente a sala n'uma facha luminosa, e os pregões dos cangalheiros que passam na rua, penetrando pelas janellas com a brisa do Tejo, picam a allinetadas de uma alegria irreverente o silencio magestático da cerimonia.

Foi depois de se ter ouvido ao longe uma

voz hortelôa bradando ao povo — *Ha lá cinco mólhos d'agriões!* — que na sala do throno se ouviu a augusta voz de el-rei annunciando á côrte que o noviço se achava velando as armas na capella interior do real alcaçar, onde el-rei D. Fernando, na qualidade de padrinho, iria perguntar-lhe se elle queria acceitar ou não a honra que lhe era conferida.

El-rei D. Fernando, baixando então do throno, saiu da sala. Sua magestade prestava-se com magnanimidade a ir conferenciar com seu afilhado.

Indescriptivel, como é facil de imaginar, foi a anciedade da assembléa desde o momento em que o sr. D. Fernando se retirou até que reapareceu.

O sr. duque de Tetuan, portador da real dadiwa de sua magestade catholica, esperava, profundo, a resposta que teria de enviar a seu real amo. O secretario da legação hispanhola esperava tambem, tendo nos braços o collar do Tosão de Ouro collocado sobre uma almofada; um sr. addido, com outra almofada em seus braços, acalentava o diploma; a voz do povo na rua dizia: — *Ha lá couve lombarda! os dois repolhos! a mão de nabos!* E tanto o sr. addido

como o sr. secretario, apertando ao coração as almofadas respectivas, pareciam dispostos, por um sentimento de dedicação e de fidelidade ao seu rei, a entregarem o seio ás insignias que lhes estavam confiadas e a amamental-as, se preciso fosse!

O sr. Fontes accitaria ou não accitaria a honra que lhe fôra conferida? Tal era a pergunta que todos mentalmente faziam, e a duvida pungia os espiritos perplexos.

Foi um momento devêras dramatico!

Durante esse momento o pigarro caracteristico dos tempos de pausa nos grandes cerimoniaes percorreu o auditorio. Lenços de seda da India saíram de dentro de barretinas e foram vistos suspensos e desfraldados desde o alto da cabeça até o baixo ventre dos guerreiros. Officiaes môres, gentis-homens e moços fidalgos com exercicio no paço, obedecendo a um d'esses nobres impulsos interiores, que são como a voz do sangue nas naturezas privilegiadas, retiraram com energia os seus chapêus armados debaixo do braço esquerdo e entalaram-os com firmeza debaixo do braço direito. Este acto porém, posto que filho de uma resolução vehemente, em nada alterou a harmonia do especta-

culo, porque, se por um lado muitos chapéus de bicos passaram debaixo do braço esquerdo para debaixo do braço direito, muitos outros passaram por outro lado debaixo do braço direito para debaixo do braço esquerdo. E só na parte ecclesiastica houve modificação emquanto se esperou pelo resultado da conferencia do sr. D. Fernando com seu afilhado, porque o alto clero, considerando que a situação poderia supportar mais rapé do que elle lhe applicára, pitadeou-se de novo, impetuosamente, até chegar ao ultimo limite imposto pelas leis da natureza ao ardor do homem em serviço do altar.

Finalmente o sr. D. Fernando entrou outra vez na sala e remontou-se ao throno. Atraz de sua magestade entrou o sr. Fontes. S. ex.^a havia por bem acceitar a condecoração que lhe era offerecida.

Que se passára no recesso dos apartamentos interiores do palacio entre esses dois personagens?

Lançar-se-iam soluçantes nos braços um do outro, e haveria dois osculos em suas faces ao mesmo tempo a que o pregão dissera haver dois repolhos á venda sobre a via?

Cairiam em joelhos em acção de graças perante os imperscrutaveis decretos do Todo Poderoso? Escasseiam-nos os documentos para formular sobre este ponto uma affirmação historica, e preferimos confessal-o a ter de appellar para uma hypothese phantastica. O que se passou entre esses dois vultos é um mysterio destinado a baixar com elles á campa.

Quando o sr. Fontes appareceu na sala do throno o sr. ministro de Hispanha disse-lhe: — *Antes que reciba v. ex.^a el collar, falta que declare si está armado caballero.* Ao que o sr. Fontes respondeu: — *Sim.* E d'ahi deduziram algumas pessoas que na sua entrevista com o sr. Fontes o sr. D. Fernando o armára cavalleiro.

Se assim fosse, estava revelado o mysterioso segredo da entrevista. Mas para armar um cavalleiro — sabem-o os menos versados nos livros de cavallaria — é indispensavel fazer ao noviço as seguintes operações: Primeira: despil-o; segunda: laval-o bem lavado em uma piscina; terceira: vestir-lhe uma camisa de seda bordada de ouro, um justilho de pelle de bufalo e uma cota de armas; quarta: tomar-lhe o juramento de que ha de fazer a guerra aos in-

fiéis; quinta e ultima: calçar-lhe as esporas, cingir-lhe a espada e bater-lhe no hombro as tres pranchadas do rito.

Portanto, se o sr. Fontes não perjuroou sacrilegamente, parece, — com quanto nos repugne acreditar-o — que o sr. D. Fernando conferenciaria com s. ex.^a, começando por despojal-o do seu colete de flanela e das suas piugas.

O pudor, lançando um véo espesso sobre o quadro pathetico do sr. Fontes no banho e de seu real padrinho armado de um sabão e de uma escova de *caoutchouc*, veda-nos o continuar...

Mysterio! insondavel e eterno mysterio sobre o tremendo lance! Á campa muda d'esses dois varões os historiadores e os poetas, — famintos uns de verdade, outros de ideal, — irão no futuro, pelos silencios amigos da noite, interrogar o calmo luar, a doce viração nocturna e os astros rutilantes cravados no infinito azul. — Laval-o-ias tu? Lavar-te-ia elle? — E só os echos profundos e cavos das funereas cryptas responderão a essas vozes, em torno das quaes nos castellos e nas choupanas a phantasia poetica bordará de seculo para seculo as saudosas egendas.

Admittido, sob palavra, pelo representante do rei de Hispanha que o sr. Fontes estava armado cavalleiro, isto é: que elle se achava lavado, que trazia camisa bordada a ouro, justilho de pelle de bufalo, cota de armas e tres pranchadas no hombro, — o secretario da legação hispanhola leu o juramento:

«Jura v. ex.^a sustener los derechos del jefe soberano de la orden y emplear-se en mantenerla en su estado y honra, sin consintir padesca disminucion en cuanto pueda v. ex.^a, prometiendo observar religiosamente sus estatutos y ordenanzas; en todo lo que no sean contrarias á lo que deve y está obligado en servicio de su majestad el-rei de Portugal y de los Algarves, ni se aponga su nacimiento y rango que tiene cerca de su majestad fidelissima?»

O sr. Fontes tinha feito uma reverencia, tinha-se deitado de joelhos no chão em frente de uma credencia, tinha espalmado uma das mãos sobre um crucifixo, a outra mão sobre um missal aberto, e foi n'essa postura que s. ex.^a ouviu ler, verbo a verbo, syllaba a syllaba, a formula da jura! Foi ainda na referida postura que s. ex.^a respondeu: — *Assim o juro, e assim me ajude Deus e todos os meus santos!* Foi sempre

com os joelhos no chão que s. ex.^a recebeu a imposição do collar; que s. ex.^a ouviu a formula sacramental: «La orden recibe v. ex.^a en su amigable compañía en señal de lo cual os pone este collar: quiera Dios lo traja v. ex.^a muchos años a honra y gloria suya;» e que s. ex.^a respondeu: — *Deus me dê graça para isso!*

E o sr. Fontes Pereira de Mello permanecia sempre em joelhos, no chão. Ao dobrar as pernas as calças de s. ex.^a tinham tido um movimento de ascensão semelhante ao de duas molas comprimidas em spiral, e os canos das botas do grande estadista, como um segredo de gabinete traído pela indiscrição da meia casimira, exhibiam-se aos olhos da côrte, e eram de elasticos, com puxadeiras de linho côr de canella, mostrando os atilhos de umas honestas ceroulas burguezas, pacatas, amigas da ordem, testemunhas ingenuas e castas das vantagens da paz, mantida pela carta e assegurando aos povos o progresso das artes nas multiplas applicações do pano patente.

Sua magestade o augusto soberano, com o sr. Fontes ajoelhado aos seus pés, tendo-lhe lançado ao pescoço a nobre insignia do Tosão

de Ouro, e achando-se em pé sobre o throno, com a purpura real pendente dos hombros, ergueu os olhos ao ceo, e depois de um momento de concentração mental, estendeu a dextra no espaço e com voz pausada e firme proferiu sobre a côrte, sobre o sr. Fontes, sobre o seu collar e sobre as suas botas de puxadeiras côr de canella, esta phrase profunda, que a historia registrará como o rasgo mais brilhante da eloquencia monarchica d'este seculo:

— Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo!

*

E no decurso de toda essa solemnidade extraordinaria, unica, de um grotesco inverosimil, profundo, illimitado, ninguem se riu! Diz nas suas *Memorias* o duque de La Rochefoucauld-Liancourt que em todas as côrtes, ainda as mais embrutecidas e as mais imbecilizadas pelo habito da lisonja, do servilismo e da baixeza, se encontra sempre um ou mais homens de espirito, que observam os principes, que os descrevem, que mais tarde os expõem ao escaqueo publico com todas as suas fraquezas, com todos os seus ridiculos, com todas as suas

miserias. Se na cõrte portugueza existe algum dos homens a que se refere o marquez de La Rochefoucauld-Liancourt, esse homem soube amordaçar-se com um dominio heroico e sublime sobre si mesmo para não desfechar a rir em plena sala do throno, irreverentemente, immensamente, inextinguivelmente.

Mas não! estava escripto que a cõrte fosse n'esse acto profundamente séria para o fim de poder ser profundamente comica. Assim o exigia a revindicação inilludivel da moral e da justiça.

Durante longos seculos os reis e os nobres cobráram do povo, como um tributo de sangue, o encargo de os fazer rir. E o povo pagava submissamente esse imposto pondo em contribuição, para recreio dos grandes, a sua ignorancia, a sua rusticidade, a sua estupidez, as suas deformidades phisicas e moraes. Nas cõrtes havia o truão, o bobo, o jogral, e, ha poucos annos ainda, a cada vinculo, a cada solar, estava adstricto um idiota, um gago, um corcunda ou um anão, incumbidos de desenfadar o morgado e de receber alternadamente as suas confidencias, a sua bacía, os seus dichotes e os seus pontapés.

As coisas mudáram. O poder monarchico expirou no dia em que n'uma alcova de Versailles, Luiz xv, nos braços de uma concubina, depois de ter deitado a lingua de fóra doze vezes consecutivas para a mostrar a dez medicos e a dois boticarios, soluçava tremulo de terror: — *Vou acabar no estrume e no desprezo como um cão.* As monarchias sobreviveram ainda nas series dynasticas, mas a realesa morreu para sempre em tal dia e com tal homem.

Mais tarde os vinculos e os morgados acabavam tambem, como todos os privilegios da nobreza e do clero.

Mas, para que o desaggravo da justiça fosse inteiro e completo, faltava ainda uma coisa: faltava que a monarchia e a nobreza fizessem rir o resto do mundo, assim como o resto do mundo não servira por muitos annos senão para fazer rir a nobreza e a monarchia. É esse o destino que desde 89 por diante as côrtes estão cumprindo fatalmente na terra.

Mantendo como outras tantas ficções carnavalescas as antigas formulas, hoje ôcas, do feudalismo, da cavallaria andante e da monarchia absoluta, conservando com o respeito de realidades vivas os nomes e os aspectos das coisas

ha muito extinetas e expungidas para todo sempre da vida real, as côrtes são no tablado do mundo moderno a perenne farça dos póvos.

Um distincto professor, o sr. Albino Giraldes, publicou recentemente em Coimbra, n'uma brochura de poucas paginas, a mais lucida exposição da theoria zoologica de Darwin.

Referindo-se aos agentes da selecção artificial tendo por effeito na sociedade humana o enfraquecimento e a degeneração da nossa especie, o sr. Albino Giraldes, á similhaça dos escriptores que o precederam no estudo d'este assumpto (Haeckel) cita d'entre os agentes alludidos as continuas guerras e o estado a que a diplomacia chama a paz armada.

«Os homens alistados nos exercitos permanentes, diz o sr. Giraldes, são precisamente os

mais validos e robustos da população, ao passo que os mais debeis e achacados são todos por necessidade e por lei isentos do recrutamento. Assim o mancebo sadio e vigoroso é destinado ao açougue das batalhas, é *carne para os canhões*, e morre por isso sem descendencia; ao mesmo tempo que o refugo da população, os individuos doentes, os surdos-mudos, os epilepticos, os enfesados são exactamente os que constitua familia, e, reproduzindo-se, transmittem aos descendentes os seus achaques e debilidades. Taes são, além de outros, os resultados do militarismo.»

*

A influencia do militarismo como agente selectivo tendo por effeito o enfraquecimento e a degeneração da especie é seguramente de uma grande importancia, mas parece-nos insufficiente para explicar em Portugal a deploravel decadencia da raça.

Na Allemanha, na Inglaterra, em França, o militarismo existe como na sociedade portugueza, tendo sido n'aquelles paizes modernamente mais frequente, mais desastrosa e mais

profunda a devastação das guerras. E todavia a debilidade, o enfraquecimento dos cerebros, a decadencia intellectual, é muito sensível entre nós outros e não o é em França, na Alemanha ou na Inglaterra.

Se a theoria da evolução biologica, segundo Darwin, não é uma chimera com applicação ao principio scientifico do desenvolvimento das nações, e o sr. Bagehot, entre outros, demonstrou com evidencia que não é, nós temos de achar dentro dos principios da selecção e da hereditariedade, além do militarismo, algum outro agente perturbador do nosso progresso.

A influencia do meio geographico não pôde ser considerada como factor no problema da nossa inferioridade mental com relação a outros povos europeus, porque desde o seculo xvi até hoje não houve alterações mesologicas nas condições da nossa existencia, e todavia Portugal, que ha mais de duzentos annos é completamente infecundo no meio do movimento scientifico do mundo moderno, era ainda no seculo xv e no seculo xvi um dos primeiros e dos mais poderosos contribuintes da civilisação.

Nos primeiros seculos da monarchia a nossa agricultura era florescentissima. Eramos no

tempo de D. Fernando um dos primeiros paizes exportadores de azeite, de fructas seccas, de peixe salgado. Tinhamos as grandes pescas do bacalhau, uma grande fonte de riqueza e uma grande escola incomparavel de marinheiros. A arborisação do paiz progredia rapidamente. A historia do grande pinhal de Leiria é dos mais notaveis exemplos da sabia attenção prestada á silvicultura em tempos ainda anteriores ao reinado de D. Diniz. A população crescia apezar das guerras, e o numero dos habitantes, que no tempo de Philippe II era de pouco mais de um milhão, tinha chegado a cerca de tres milhões no tempo de D. João II. Durante a idade media a instituição peninsular dos municipios e das communas contrabalçava os privilegios da nobreza e do clero e oppunha uma barreira inexpugnavel ao tripudio dos reis sobre os fóros do povo e á imposição do jugo feudal. A indole popular resplandecia pela tolerancia religiosa, pelo amor da liberdade, pela grandeza de animo, pela delicadeza poetica. Na litteratura e nas sciencias davamos a lei aos espiritos. A universidade de Coimbra, justamente celebre então, era frequentada por estrangeiros, que vinham dos paizes

mais cultos educar-se em Portugal. Creavamos a geographia moderna n'essa portentosa escola de Sagres, a grande academia do infante D. Henrique, a qual produziu Colombo, Magalhães, Bartholomeu Dias e Vasco da Gama. Tinhamos lettrados como André de Rezende, Diogo de Teive, Diogo de Gouveia, mestre de Montaigne, Sanches, precursor do positivismo, e Damião de Goes, o amigo de Luthero e de Erasmo. Tinhamos poetas que creavam uma litteratura nova, como Luiz de Camões, Gil Vicente, Ferreira e Sá de Miranda. Tinhamos uma arte que evocou do marmore a igreja da Batalha, o mosteiro dos Jeronymos e a torre de Belem, tres expressões monumentaes e supremas da belleza immortal.

*

As causas da formação das raças são o *meio*, a *hereditariedade* e a *selecção*.

Se o meio physico — o clima, a configuração do solo, as producções da terra, o aspecto da paizagem — foi bastante benefico para determinar e proteger a criação e o desenvolvimento de uma raça tão forte, tão intelligente e tão

viva como a raça portugueza no seculo xv, não tendo sido esse meio perturbado desde então até hoje por nenhuma revolução cosmica, é á *hereditariedade* e á *selecção* que devemos perguntar as causas do abastardamento que nos precipitou de decadencia em decadencia durante os tres ultimos seculos e nos reduziu á immobildade em que nos encontramos hoje.

*

Uma das causas da variação nos organismos, o que é o mesmo que dizer um dos agentes da *selecção*, é o habito e o exercicio. A *hereditariedade* fixa as modificações adquiridas de individuo para individuo, de ascendente para descendente. A acção continua do exercicio e do habito modifica porém os effeitos da hereditariedade tornando os orgãos cada vez mais divergentes entre si, desenvolvendo uns e atrophiando outros, pela razão physiologica de que a seiva reparadora da força se fixa de preferencia na sede da maior actividade.

Darwin observou que na ilha da Madeira ha uns coleopteros quasi desprovidos de azas, ao

passo que outros teem azas extremamente vigorosas. Estes dois phenomenos procedem da mesma causa — o vento do mar. Diante d'essa força da natureza os insectos divergem de resolução. Uns acobardam-se, desistem de combater e escondem-se ao abrigo das plantas até que o vento cesse. Outros arriscam-se a serem arrebatados pelo vento, debatem-se, resistem, lutam. Estes ultimos produziram uma raça de voadores athleticos e victoriosos; os outrôs produziram gerações de coleopteros sedentarios, moles, desazados.

O que se dá com os insectos da ilha da Madeira perante o vento do mar dá-se com os povos na luta pela vida no meio do conflicto das contrariedades sociaes. Os que cedem desam-se. Foi o que nos succedeu.

*

A historia da nossa decadencia offerece a mais perfeita confirmação das leis de Dárwin. As nobres faculdades que fizeram de nós um povo exemplar até o seculo xv atrophiam-se até darem a degeneração pelo *exercicio* e pelo *habito*, pela *hereditariedade* e pela *selecção arti-*

ficial. O militarismo seria insufficiente para explicar uma transformação tão profunda como aquella por que passamos. Citaremos algumas outras causas.

*

A inquisição, fazendo da delação uma virtude christã e da hypocrisia uma necessidade social, obriga os individuos pelo instincto da conservação a dissimular, a atraiçoar, a mentir. Os caracteres desenvolvem-se a pouco e pouco no sentido dos defeitos em que se exercem. O terror transmittido de geração em geração cria a deformidade moral a que podemos chamar a pusilanimidade organica.

A expulsão dos judeus e dos mouros e a perseguição dos christãos novos não só paralyza o commercio e a industria, mas elimina da comunidade social os individuos mais operosos e mais uteis.

A confissão tornada obrigatoria pelo concilio de Trento e decretada como indispensavel á salvação das almas, cria o director espiritual, introduz o padre na familia, ferindo-a por esse modo no pacto do amor, que é a base da socie-

dade conjugal. O inquisidor systematisa a traição na ordem social; o confessor promove-a na ordem domestica.

Esmagada a arte nacional, emudecido o genio do povo, monopolizados o ensino, a sciencia e a philosophia pelas ordens religiosas, o celibato ecclesiastico esterilisa o principio da hereditariedade intellectual, destroe a orientação dos cerebros. E enquanto o deshumano e monstruoso egoismo monastico accumula nas livrarias dos conventos uma litteratura artificial, sem tradições nacionaes, sem raizes historicas, de um maneirismo beato e grotesco, cheio de sophisticacões de sacristia, sem virilidade, sem sexo, n'um stylo delambido até a imbecilidade, — fóra dos conventos propagam-se os nescios.

• O jesuitismo, impellindo para a derrota de Africa D. Sebastião, enterra em Alcacer Quivir na flor dos annos, sem descendencia, os representantes mais vigorosos da hombridade nacional.

A monarchia aristocratica, apoiando-se na nobreza com os seus morgados, vinculando a terra, monopolizando a propriedade, impede a formação da familia burgueza e faz do povo uma plebe servil, uma creadagem villã.

Essas causas, que determinaram biologicamente, fatalmente, a extrema decadencia da nossa raça desapareceram, mas os seus effeitos permanecem em quanto novas influencias não vierem excitar a nossa actividade produzindo o progresso pela sobrepujança dos individuos mais fortes, mais energicos e mais dignos sobre os mais fracos, os mais debeis, os mais inuteis. A sociedade portugueza, tal como ella está presentemente organizada, não actua porém sobre os seus membros no sentido da selecção tendo por effeito o progresso da raça. O nosso meio actua sobre nós em sentido contrario,—no sentido da regressão ao estado selvagem.

O sr. Horacio Ferrari, redactor de uma interessante revista publicada no Porto e intitulada *O Positivismo*, demonstrou scientificamente essa verdade.

«A especie humana associada, diz o sr. Ferrari, está sujeita a tres ordens de causas destruidoras, umas que affectam directamente o individuo, outras o estado social. É certo em sociologia como é em biologia, que uma raça *civilisada* decae e retrograda para o estado selvagem sempre que as condições sociaes ten-

dam a destruir os seus membros *mais disciplinados*, mais accommodados por seus habitos regulares de conducta, á vida civilisada.» E depois de ter provado até á saciedade que esses principios assentam em bases perfeitamente scientificas o sr. Ferrari conclue por esta lei. *Uma nação qualquer decae rapidamente e tende a extinguir-se sempre que para os differentes cargos, publicos ou particulares, sejam preferidos os individuos menos capazes de os exercer.*

A sociedade portugueza está desde a revolução liberal na decadencia progressiva determinada pela lei que o sr. Ferrari enunciou.

Os cargos publicos em Portugal foram distribuidos em 1836, como presa de guerra, entre os companheiros mais valorosos de D. Pedro iv.

Nos primeiros logares das repartições do Estado tomaram assento os primeiros soldados do cerco do Porto. Nas alfandegas, nos tribunaes, nas escolas, na universidade, os cidadãos investidos nos empregos mais rendosos exhibiam como titulos do seu direito e da sua capacidade as cicatrizes dos ferimentos recebidos no fogo, os galões do uniforme de guerra, e a bayoneta suspensa ainda no boldrié de campanha.

E os serviços publicos ficaram dirigidos pelos batalhões dos Voluntarios da Rainha. Era o regimen dos bravos.

Depois, á medida que esses funcionarios se extinguíam, os cargos devolutos foram successivamente confiados aos vencedores em outras campanhas, — as campanhas eleitoraes. É o regimen dos beaguins de eleições.

O valor intellectual está de parte.

Ora como é da natureza biologica de todos os organismos, quer n'um individuo, quer n'uma sociedade, que a seiva da força se fixa na sede da maior actividade, o resultado das praticas a que nos referimos é que o valor intellectual diminue e definha, ao passo que o poder da intriga augmenta e prospera.

Com o abastardamento da intelligencia deperecem todas as nobres facultade do homem : a tenacidade no trabalho, a firmeza no dever, o respeito da verdade, a inteireza do character, a honra, o desinteresse, a coragem.

Com o habito da intriga desenvolvem-se todas as fraquezas que são com ella solidarias ; o espirito da aventura traz o espirito da vadiagem ; vem a preguiça ; vem o amor da vida repousada e farta, a avidez do lucro, o egoismo, a

pusillanidade, a adulação, a mentira, a doublez, a cobardia, e, com a ausencia completa do senso moral, o desequilibrio do cerebro, a inepecia e a imbecilidade.

Tal é o modo como o principio da selecção artificial actua na sociedade portugueza sobre o desenvolvimento da especie.

Em Portugal a luta pela vida destroe a altivez moral e dá a sobrevivencia á ignorancia bajuladora e servil.



Ha porém um facto extremamente consolador. Entre os agentes physiologicos que determinam em um povo a direcção do seu destino figura o *instincto da imitação*, peculiar das especies superiores na serie zoologica e principalmente da especie humana. Esse instincto é um elemento precioso do progresso, porque é a imitação que torna fecundo o exemplo.

O poder do exemplo é de tal modo energico e decisivo que só o exemplo basta, actuando na virtude prolifica da imitação, para modificar e transformar em poucos annos o character de um paiz. O penetrante escriptor inglez, a quem já

nos referimos n'estas paginas, Bagehot, recentemente fallecido, dizia que a influencia pessoal de lord Palmerston fizera por alguns annos da Inglaterra uma sociedade patusca.

Ha em todos os paizes um certo numero de individuos que pela sua natureza vehemente, expansiva, apparatusa, constituem os caracteres typicos, predominantes no seu meio. São os imitados. A massa geral do publico é essencialmente imitadora.

Em Portugal os individuos chamados aos altos cargos do paiz dissemos já que são os menos proprios para produzirem pelo exemplo uma influencia salutar. São typos defeituosos de uma acção funesta no desenvolvimento do caracter publico.

Os effeitos d'essa influencia manifestam-se em longas series de phenomenos morbidos de caracter contagioso. Temos, por exemplo, nos ultimos annos: a crise bancaria de 1867 em Lisboa e no Porto; o alcance na padaria militar; o roubo no correio geral; o roubo do banco hypothecario; o roubo na caixa de credito; o roubo na caixa filial do banco união; o roubo no banco ultramarino; a syndicancia á penitenciaria; a syndicancia á

alfandega do Porto; os roubos e as irregularidades de serviço, ultimamente reveladas pelo proprio director, na alfandega de Lisboa; os suicidios dos empregados alcançados (*passim*); as evasões e homizios de empregados com dinheiros publicos; *as ordens surdas* sobre os cofres dos ministerios, facto referido em todas as discussões dos orçamentos do Estado; as burlas successivas nos fornecimentos do exercito, nas compras de armamento, nas compras de navios, etc.

No emtanto, fóra das regiões officiaes, manifestam-se em cada dia personalidades poderosas, caracteres exemplares, destinados a tornarem-se outros tantos centros de imitação.

Entre esses caracteres typicos, de um relevo preponderante, notam-se affinidades de idéas, analogias de convicções, linhas de uma similhaça commum que aproximarão de um só typo unico os grupos influenciados pelo nucleo parcial de cada exemplo. É assim que está destinada a operar-se a revolução portugueza. O typo official cahirá deante do typo dissidente, e as nomeações do Estado cederão progressivamente o passo na direcção do paiz ás preferencias da estima publica. Este resultado an-

nuncia-se já de um modo indubitavel. No romance, na poesia, na critica, na historia, na systematisação philosophica, na vulgarisação scientifica, nos clubs, na imprensa, no professorado, o movimento dirigente dos espiritos é manifestamente adverso e hostile ao espirito das instituições vigentes. Os homens que pela sua actividade mental estão determinando esse movimento rovolucionario na arte e na sciencia, não são unicamente os homens mais instruidos, são tambem os cidadãos mais probos, os mais dignos. São esses homens que, fóra dos parlamentos, dispondo apenas d'esses dois meios d'acção — a imprensa e o ensino — estão lentamente, surdamente, imperceptivelmente, realisando esta obra immensa: a reconstituição infallivel do character de um povo pela influencia dominante dos seus caracteres superiores.

A lucta está já travada, e a victoria está promettida áquelles que dentro da esphera da sua actividade, qualquer que ella seja, souberem cumprir estes dois deveres de todo o homem trabalhador e de todo o homem honesto: — espalhar lição e fundar exemplo.

A interessante queda da torre dos Jeronymos deu lugar a tão eloquentes rasgos de sentimentalismo, que toda a gente se convenceu de que, se esse monumento se não tivesse achado mal de per si mesmo, valeria a pena de o ter deitado a baixo de proposito, — isto é soprando-lhe, — só para ter o gosto de ver o sr. Nazareth collocar-se no lugar onde coubera a torre em pé e onde s. ex.^a apenas coube sentado, e communicar d'ahi aos pedreiros sobreviventes o profundo interesse que merecem á casa real as classes operarias — quando defuntas.

— «El-rei me encarrega de vos annunciar, disse s. ex.^a aos pedreiros, que jámais consentirá que vossos irmãos finados vão para a campa senão em côches pagos pelo bolso do mesmo augusto senhor.»

E todos os jornaes do dia seguinte verteram lagrimas da mais reconhecida oratoria sobre a magnanimidade do principe, ao qual não soffria animo munificente que operarios mortos se fossem enterrar — pelo seu pé.



O ardente desejo de proporcionarmos á Côrôa e ao sr. Nazareth repetidas occasiões de serem commoventes e patheticos leva-nos a solicitar das pessoas que transitarem por perto da Padaria Militar o obsequio de não salivarem nem lançarem as pontas dos seus charutos para o lado em que se acha a chaminé da dita padaria. Essa chaminé, inteiramente desequilibrada, espera o minimo pretexto que lhe proporcionem para cair; ora seria doloroso que ella se deixasse tombar — por descuido de algum transeunte que espirrasse para aquelle lado — em occasião de se não achar pessoa alguma debaixo.

Comprehendem bem que, dada a *imprevista catastrophe*, como hão de dizer as folhas, e comparecendo o sr. Nazareth no logar do sinistro com os côches, será pouco lisongeiro que se não encontre morto algum para utilizar-se dos offerecimentos da casa de Bragança e que o sr. Nazareth se veja obrigado, em cumprimento das ordens de sua magestade, a acompanhar unicamente, das ruinas da padaria para o cemiterio, alguns pães!

É para que se não lance fel n'esse acto, para que se não diga, vendo o sr. Nazareth com os pães no côche, que s. ex.^a e o monarcha estendem mão valedora ás victimas das catastrophes com o proposito de comerem essas victimas com manteiga ao chá, — que nós fazemos este aviso.

Ou tenham mão na chaminé quando não houver gente por baixo, ou tenham sempre gente debaixo, e esperem um pouco que o sr. Nazareth lá irá ter com os côches, — depois da chaminé!

Uma vez que fallamos na torre dos Jeronymos permitta-se-nos que enderecemos os nossos cumprimentos áquelle monumento pelo modo profundamente circumspecto como elle cumpriu o seu dever — caindo.



Essa torre era debil, mas era sensata. Na sua qualidade de monumento manuelino, de monumento do seculo xvi, ella comprehendeu admiravelmente que não podia figurar com decencia na civilisação moderna senão como recordação historica ou como ruina. Sendo na historia um documento apocrifo, falso, mal fingido, preferiu ser ruina. E não podendo cair de velhice, caiu de vergonha.



Façam-nos o favor de ir a Belem e de olhar para essas pedras memoraveis que nos estão dando a mais severa lição, recusando-se a serem torre.

A torre era effectivamente uma linda coisa e mui util á humanidade para a humanidade collocar os seus sinos, mas — bem vêem — as pedras não querem.

As pedras entendem que os monumentos que as merecem no presente seculo não são as torres imitadas do antigo mas sim os edificios solicitados pelas necessidades do espirito

contemporaneo : os lyceus para os rapazes e os lyceus para as meninas ; as escolas de artes e officios ; as bibliothecas ; os museus da sciencia, os museus da arte, os museus da industria, os museus pedagogicos ; as escolas penitencia-rias ; as escolas normaes ; as escolas agricolas ; as dokas ; os portos de abrigo ; os caes ; os grandes theatros e as vastas salas de concertos musicaes para o povo ; os bairros populares saudaveis e risonhos ; os hospicio: de saude á beira do mar para as creanças escrofulosas e lymphaticas ; os salva-vidas ; os faroes ; os lavadouros e os banhos publicos ; os canos ; as fontes.

Já que a pedra nos não quer fazer a vontade, como as ruinas de Belem o demonstram, — se para a occuparmos em alguma coisa tratasse-mos nós de fazer a vontade á pedra ?

N'este conflicto a prudencia aconselha-nos a ceder. A luta ser-nos-ia desfavoravel. Medite-mol-o. Bem se sabe que somos muito cabeçudos, mas a pedra é mais ; e ella manifestamente não quer ser torre.

Lemos em varios jornaes que o edificio da exposiçãõ portugueza no Rio de Janeiro constará de tres salas principaes, sendo denominadas: — a primeira, destinada aos productos agricolas, *sala de D. Diniz*; a segunda, destinada aos productos coloniaes, *sala do infante D. Henrique*; a terceira, destinada á ourivesaria, aos adornos, ás sedas, etc., *sala de D. João v.*

Nada se nos offerece oppôr á escolha do nome da primeira e da segunda sala. D. Diniz personifica historicamente o impulso dado pelos primeiros reis da monarchia portugueza á arborisação, á cultura da terra, á prosperidade agricola. O nome do infante D. Henrique está de direito ligado á historia da geographia, á historia da navegaçãõ, á historia de todos os nossos descobrimentos e de todas as nossas colonisações.

O que não podemos comprehender é a analogia encontrada entre o nome de D. João v e o desenvolvimento das industrias e das artes ornamentaes em Portugal.

D. João v não foi durante o seu reinado mais que o imitador mesquinho e labrego do comilão mais voraz, do rufião mais cynico, do parlapatão mais insolente que tem visto o mundo, — de Luiz xiv, o rei sol.

D. João v é o nosso rei *sol... ideo*. Assim como Luiz xiv enguliu até o ultimo *sou* a riqueza da França para manter em um esplendor pharaonico essa côrte de Versailles, que reunia a todas as dissipações de uma batota todas as tórpezas de um lupanar, assim D. João v empobreceu Portugal até á miseria para crear o mais esteril e o mais repugnante de todos os faustos, o fausto fradesco, o fausto freiratico, o fausto igrejeiro.

A creação de um patriarchado na capella real, a aquisição do direito de celebrar festas religiosas com as ceremonias usadas no Vaticano, de vestir de cardeaes os bispos suffraganeos, de habitos prelaticios os simples beneficiados e de super-humeral o padre patriarcha, custaram mais dinheiro do que seria preciso para cobrir de escolas e de lyceus toda a superficie do paiz, cujos habitantes na maxima parte

não sabiam ler nem escrever. Para obter o cappello perpetuo em vinculo nopatriarchado, quantas negociações com a curia, quantas despesas de dinheiro e de astucia diplomatica! Quantas despesas para conseguir a canonisação de varios personagens por quem el-rei se interessava! quantas para alcançar jubileus, para alcançar indulgencias, para estender a todo o reino o officio da Senhora das Dores, para que se dissessem tres missas no dia de finados, para que finalmente se estabelecessem na Igreja Lutzitana mil privilegios, mil reformas liturgicas a que esse beato fanfarrão ligava o mais alto e mais vivo interesse da sua corôa, da sua dynastia e da sua patria!

A historia da edificação do convento de Mafra basta para dar a medida do calamitoso despotismo com que esse homem atrelava ao seu capricho pessoal todas as forças vivas de uma nação. Em 1729 elle mandou alistar para o seu serviço todos os operarios do reino. Durante 10 annos vinte e cinco mil trabalhadores estiveram empregados nas obras de Mafra. Em um d'esses annos chegaram a reunir-se nos trabalhos da edificação da igreja cincoenta e tantos mil homens. A muitos d'esses operarios

chegou-se a dever cinco mezes de salario. A alimentação era pessima, a installação em barracas de madeira com grande accumulção de gente, extremamente insalubre. Uma estatística do movimento de uma enfermaria que foi preciso estabelecer mostra que em quatro annos morreram 1:338 trabalhadores. As carroças, os cavallo, os bois, eram requisitados á lavoura. As obras de Mafra absorveram tantas actividades e tantas vidas como uma campanha desastrosa. A monstruosidade architectonica que se levou a effeito com tão grandes sacrificios custou centenares de milhões, — uma riqueza enorme immobilizada em um monumento estúpido sem merecimento artistico e sem proveito pratico, um casarão immenso hoje deshabitado e inutil.

A influencia de D. João v foi tão funesta ao movimento das idéas e á dignidade dos caracteres como ás fontes do trabalho. O temperamento d'esse príncipe era de uma lascivia baixa e ignobil, característica da sua epoca e bem pintada n'um poema coevo, abjecto e torpe, obra do seu amigo e companheiro d'aventuras

o Camões do Rocio. Os amores freiraticos d'este devoto fizeram do convento de Odivellas um serralho celebre na historia da prostituição. Ao lado do convento, o rei, que era de todas as irmandades, de todas as confrarias, de todas as novenas, de todas as procissões, mandara construir e mobilar um verdadeiro templo de Venus Cloacina, conhecido pelo nome de *Palacio da madre Paula*. A nobreza moldára os seus costumes pelos do soberano. As mulheres passavam a vida pelas igrejas, os fidalgos nas portarias dos mosteiros. Os frades tinham a direcção social. O genio artistico extinguiu-se de inanição. A architectura, unica fórma sobrevivente da arte, tornou-se jesuitica, pesada, triste, soturna. A litteratura rebaixou-se até á ultima degradação, publicando entre livros de novenas, ripansos, historias de milagres e lóas ao Divino, os poemas mais obscenos e immundos em que se tem prostituido a intelligencia humana. Os fidalgos que não acompanhavam o rei aos jantares dos frades ou aos outeiros das freiras, acamaradavam-se com o infante D. Francisco, um fadista, para as famosas rixas nocturnas, em que os pacificos burguezes de Lisbôa eram brutalmente espancados e algumas vezes

mortos. O povo pedia esmola á porta dos conventos.

*

As enormes sommas de dinheiro que as minas do Brazil produziram durante o reinado de D. João v foram completamente devoradas por elle em embaixadas ostentosas, em edificações de maus palacios, em baixellas, em alfaias e paramentos d'igreja, em festas, em missas, em procissões, em presentes ao papa, aos diplomatas estrangeiros, aos frades. A maior parte d'estas despesas estultas eram inteiramente improficuas ao trabalho nacional porque o rei importava de França e da Italia os paramentos, as joias, as alfaias do culto, os sinos, as estatuas dos santos, etc. O seu proprio vestuario, extremamente sumptuoso, vinha feito de Paris, como as librés dos seus creados.

A agricultura decahiu de tal modo que tivemos de importar os generos de primeira necessidade, aquelles em que o paiz mais abunda, como o azeite e o vinho.

*

O impulso dado á industria por D. João v foi completamente nullo. As duas grandes fa-

bricas fundadas durante o seu reinado, a fabrica das sedas do Rato e a fabrica de vidros da Marinha Grande devem o desenvolvimento que tiveram não á influencia do rei piedoso mas á protecção ulterior do marquez de Pombal.

O nome de D. João v, portanto, dado ao recinto de uma das secções da exposição portugueza no Brazil como preito de reconhecimento ou consideração á memoria d'esse principe nefasto é um insulto e um ultraje ás justicas da historia.

D. João v, deixando no reino por sua morte um commercio expirante, uma agricultura moribunda, um erario vasio, uma esquadra sem navios, um exercito sem soldados, uma litteratura inepta, uma arte pervertida, uma sociedade desmoralisada, não nos legou senão miseria e vergonha. Não lhe devemos senão desprezo.

*

As exposições são as grandes festas do regimen industrial dos povos. N'essas festas a lisonja cortezã é absurda porque representa um interesse opposto ao interesse da liberdade, cuja obra as exposições são destinadas a celebrar.

N'essas festas eminentemente democraticas, eminentemente pacificadoras, eminentemente populares, os povos devem honrar a memoria dos seus bemfeitores.

Os bemfeitores dos povos são aquelles homens que pelo seu trabalho contribuíram para tornar a humanidade mais sã, mais sabia, mais rica, mais forte, mais feliz. O industrial que cria um producto novo, o commerciante que leva esse producto ao mercado em que elle se consome, o sabio que nos ensina a prever e a dominar as fatalidades da natureza, o philosopho que eleva a nossa alma até á comprehensão da nossa origem e do nosso destino sobre a terra, o artista que encanta a nossa existencia tornando-a mais doce e mais digna, o simples homem honrado que pelo seu exemplo nos conforta no dever e na honra, taes são os individuos a quem o povo deve reconhecimento e gratidão.

Ha homens que nos ensinaram a pensar, como são Descartes, Bacon, Kant, Augusto Comte. Outros ensinaram-nos a conhecer o movimento da terra e dos astros como Copernico, Galileu, Newton, Laplace. Christovão Colombo e Vasco da Gama alargam-nos o

mundo que tinhamos de habitar. Marco Polo dá-nos a bussola; Roger Bacon e Zacharias Jansen dão-nos o telescópio e o microscópio; Jenner, a vaccina; Galvani, a electricidade; Watt, o vapor; Guttenberg a imprensa; Wheatstone e Morse, o telegrapho electrico; Torricelli e Drebbel, o barometro e o termometro; Daguerre e Talbot, a photographia; Neper, a taboa dos logarithmos; Jacobi, a galvanoplastia; Thimonier, a machina de costura; Samuel Crompton o fuso mechanico; Fresnel, os faróes; Lebon, o gaz de illuminação; Sauberman, o chloroformio; Jacquart, o tear; Graham, o chronometro; Ricardo Arkwright, o tear de fição; Elias Howe, a machina de coser com duas agulhas; o coronel Colt, o revolver; Sorel, a galvanisação do ferro; Edison, o phonographo e, ultimamente ainda, o admiravel telephono *electro-chimico*, no qual o som é mais intenso ao chegar ao apparelho receptor do que ao partir do apparelho transmissor. Barff acaba de achar a novissima preparação que torna o ferro inaccessivel á ferrugem e indestructivel; Lambrigot, reduz ha poucos dias a transcrição phonographica de Edison a um fio de cobre, que se doba em novello, que

é já o verdadeiro *fio do discurso* e dentro em pouco tempo poderá vir a ser essa coisa assombrosa prevista por Edison—o *diccionario fallante*. Lyell ensina-nos a conhecer a idade e as revoluções da terra; Darwin reconstitue a zoologia; Berzelius, Lavoisier, Wurtz, Berthollet, criam a chimica moderna, fonte de todos os progressos agricolas e de todos os progressos industriaes; Poncelet, Coriolis, Bellanger lançam os fundamentos a uma das mais uteis sciencias d'este seculo, a *mechanica industrial*; Richard, William Edwards, Huxley, Weleker, Buchner, Virchow, o doutor Broca fundam a *anthropologia*; Bopp, Schlegel, Lepsius, Grimm, Diez, Munster, Wilson constituem a *linguistica*.

Finalmente eu teria de encher muitas paginas de nomes gloriosos, se quizesse mencionar os principaes contribuintes dos grandes descobrimentos scientificos e industriaes e das vastas renovações que os modernos methodos teem operado em todas as sciencias biologicas e sociaes, na *physiologia*, na *hygiene*, na *pathologia*, na *ethnologia*, na *historia*, na *demographia*, na *esthetica*, na *moral* e na *arte*.

E depois d'isto, quando se trata de invocar

um nome que exprima um resultado, uma influencia ou uma aspiração na actividade scientifica ou no trabalho industrial de um povo, será o nome de D. João v o que se extraia do fundo do periodo historico mais somnolento, mais apathico e mais inerte que jámais atravessou uma sociedade civilisada?!... Não é possivel.

O nome de um rei e sobretudo o de um rei despotico e absoluto exprime um principio inteiramente adverso e hostil ao progresso industrial de que as exposições são a imagem, o exemplo e o estimulo.

A industria e o commercio são factos de aproximação, de contacto, de união; são resultados do que se chama em chimica a *combinação*. Para que uma combinação se produza facilmente é preciso que os elementos em contacto sejam dotados de uma força particular que se denomina a *affinidade*. Ha porém nos corpos uma outra força que se suppõe tornar adherentes entre si as moleculas e é antagonista da *affinidade*. Essa força tem o nome de *cohesão*. Quanto maior é a cohesão menor é a affinidade e mais difficil se torna a combinação. Ora nas sociedades humanas as realezas despoticas re-

presentam nos povos a força chamada cohesão na chimica. Todas as instituições do despotismo teem por effeito tornar cada vez mais adherentes as moleculas constitutivas da sociedade sobre que essas instituições actuam. São essencialmente cohesivas todas as centralisações em que se baseiam os regimens monarchicos, são cohesivas as barreiras, são cohesivas as alfandegas, são cohesivos os exercitos permanentes; e o poder pessoal dos tyrannos, sugando um paiz inteiro á similhaça de uma bomba aspirante e continua, comprime, condensa, espreme progressivamente o paiz que suga, tornando-o cada vez mais improprio para se renovar, para se revifigar, para se expandir na serie infinita das combinações successivas que fazem o movimento da industria e o movimento do commercio entre os povos livres.

Mas se, apesar de tudo, querem continuar a chamar de *D. João V* á sala da nossa industria exposta no Brazil, chamem-lh'o muito embora!

O nome de *D. João V* póde exprimir um ideal de certo genero, e nós não temos o direito de substituir por outro o ideal de cada um.

O Dante no fim dos seus poemas escrevia,

como symbolo da aspiração do seu genio, a divisa immortal :

Stelle !... alle stelle !

Ora se em vez de elevarem os seus olhos para o ceu como o Dante, os promotores da exposição portugueza preferem empregar-os em D. João v, esses senhores estão no seu direito ; mas deveriam affirmal-o tomando esta divisa :

O estrume !... ao estrume !

Parabens cordeaes ao clero portuguez pela elevação ao cardinalato de um dos seus membros, o sr. D. Americo, bispo do Porto. Regosija-nos desassombradamente que se proporcionasse ao clero esta occasião de jubilo, a qual não é para nós um motivo de tristeza. A criação de um cardeal significa para suas reverendissimas uma grande dadiva ; pois, não

obstante, ella não representa para nós outros uma enorme perda.

O que é de facto, leigamente, civilmente, experimentalmente, um cardeal?

Conhecem a celebre definição de caranguejo, segundo o dictionario de Moraes — *Peixinho vermelho que anda ás arrecuas?*

Tal é o cardeal, cuja definição, por equivoco lexicographico, Moraes attribuiu ao caranguejo.

O cardeal é peixe pelo mutismo, porque o cardeal não falla ou falla em latim — o que é um modo erudito de estar calado.

O cardeal anda ás arrecuas porque, seguindo á risca a letra dos dogmas em direcção opposta ás demonstrações da sciencia, o cardeal não cessa de andar para traz na proporção da distancia em que o espirito humano vae caminhando para diante.

O cardeal, finalmente, é vermelho, tão vermelho como o caranguejo, posto que em condições menos arduas, porque o cardeal é vermelho em cru, ao passo que o caranguejo só avermelha cosido.

O sentido symbolico da côr da purpura e da

malagueta nas vestes cardinalicias foi ainda ha pouco definido em França pelo cardeal que disse ao presidente da Republica : «Esta purpura recorda-me a extensão do meu dever: *usque ad effusionem sanguinis.*» — O que levou Vacquerie a perguntar se suas eminencias julgam que se lhes quer cortar a cabeça unicamente pelo facto de se lhes dar o chapéu ! Quando a verdade é que ninguem solicita o sangue dos cardeaes, ninguem lhes quer tirar a vida; no que pensam alguns philosophos é unicamente em não lhes dar a bolsa. Mais nada.

Duas compactas e substanciosas columnas do *Diario de Noticias* nos explicam como se ministra a purpura a um cardeal, impõdo-lhe o barrete em vez de lhe impor a ferverura como é praxe com o caranguejo.

Quatro coches da casa real foram postos á disposição do sr. D. Americo. Um d'esses coches era tirado por oito mulas, os outros tres por seis cada um: ao todo vinte e seis mulas para levarem o sujeito desde a Patriarchal Queimada até ao Paço da Ajuda.

A Jesus Christo, segundo S. Matheus, para ir de Bethphagé, no Monte das Oliveiras, até Jerusalem, bastou-lhe uma burrinha.

Poderoso argumento contra a efficacia do gado muar no prestigio da idéa christã: Deante da jumenta de Jesus — uma pobre e emagrecida jumenta mãe com o seu burrinho ao lado — as multidões inclinavam-se com reverencia, tapetavam o caminho com os vestidos que tiravam do corpo, juncavam de palmas as escabrosidades do solo e diziam: «É Jesus de Nazareth na Galiléa. Abençoado e glorificado elle seja nas alturas!»

No trajecto das mulas encarregadas de puxarem pelos destinos triumphaes do sr. D. Americo, os paletots dos filhos de Sião não alcatifaram o arido macadam do Aterro; os ramos da oliveira e do lilaz em flôr, as braçadas do rosmaninho e do trevo tambem não floriram nem aromatisaram o caneiro de Alcantara, e nem sequer esteve juncada a Junqueira! Apenas alguns archeiros — obra de tantos quantas as mulas — gatos-pingados da grande gala, suando em bica sob o peso dos chapéus armados, empoeirados como almocreves, brejeiraes, malandrosos, rogando pragas aos sapatos justos

do grande uniforme, acompanhavam a chiclopé o triumpho chouteiro do neto de David por afinidade.

E dentro da berlinda de D. João v, monumental e lugubre como eça de defuncto rico, o principe propheta atravessou Jerusalem indifferente e silenciosa, envolto na pocira levantada pelos vinte e seis quadrupedes, picado pelas moscas concomitantes, grave, recolhido, — talvez com enxaqueca, quem sabe se com dôr de ligado! — cabeceando compassadamente, como nos rithmos da prece, pelos solavancos da alterosa carrimonia sacudida pelas depressões do solo ou pelas saliencias rectilineas dos carris americanos.

*

Chegado á Ajuda e penetrando no templo, Sua Eminencia não azorragou os vendilhões. Considerando que tinha sobre Jesus a vantagem de cavalgadas a mais, o principe da igreja procurou modestamente neutralisar esta superioridade com açoites a menos, e levantando os dedos benignos sobre a côrte, sobre o corpo diplomatico, sobre as deputações das duas camaras, sobre os grandes do reino, sobre

os officiaes môres, sobre o capitão da real guarda e sobre o conde mestre sala, Sua Eminencia lançou uma benção geral e plenaria aos sacrificadores, aos scribas, aos pretores e aos traficantes.

Depois, tendo-se ouvido missa, o novo cardeal ajoelhou aos pés de el-rei, recebeu de suas reaes mãos o barrete encarnado e fez-lhe uma mesura. Em seguida, proferido pelo ablegado apostolico um discurso em latim, que a côrte a diplomacia e as deputações dos corpos legislativos fingiram entender com illimitada penetração, trocadas entre sua magestade e sua eminencia varias mesuras, trocadas tambem (diz o programma § 16.º) *breves palavras*, como fossem por exemplo: — *Tu! Eu! Ah! Nu! Nó! Miau! Peu!* — as vinte e seis mulas e a obra d'outros tantos archeiros apoderaram-se outra vez do sr. D. Americo e, pela mesma ordem porque o tinham trasido, tornaram-o a levar.

Bem hajam todos, — rei, nobreza, diplomacia, clero, archeiros e gado!

*

No discurso do sr. ablegado a el-rei ha um logar que nos impressiona. É onde o sr. able-

gado diz: «O cardeal Ferreira dos Santos promovido á sagrada purpura em consequencia dos desejos manifestos de vossa magestade...»

Achamos inexplicavel o alcance que tem nas deliberações pontificias os desejos dos reis que appetecem barretes.

Comprehenderiamos a importancia d'esse capricho se se tratasse das rainhas, porque com as rainhas dão-se circumstancias em que se não acham os reis, e, n'essas circumstancias, de não satisfazer os seus desejos sobre o ponto alludido poderia resultar o submeter um príncipe embryonario ao risco de vir á luz com o signal cruel de um barrete na ponta do nariz.

Ora, em taes casos, sim, entendemos que os pontifices se devem exhibir á responsabilidade moral de se vendijar narizes de principes com attributos unicamente admissiveis em ta-boletas de carapuceiros.

Mas que tambem tenham desejos os reis, que tambem se permittam ter desejos *elles... elles*, pronome pessoal á parte masculina, ah! se o pontifice fossemos nós, jamais admittiriamos uma tal bola de mão!

O maestro Barbieri e madame Josephina Amann fizeram-nos ultimamente a mercê de levantar por um momento na ponta electrica das suas batutas o gosto musical da população lisbonense. O publico entreabriu por um instante a palpebra somnolenta, picada como n'um raio de sol matinal pelas nitidas e scintillantes melodias de Beethoven. Em varios cerebros tropegos houve como a ondulação buliçosa de um tempo de valsa. Um sorriso espirituoso esvoaçou em labios a que até então não chegara nunca a taça olympica da arte. Diriamos, em fim, pelo aspecto de comprehensão esthetica que assumiu em alguns concertos a physionomia do auditorio, que o publico — a ser admissivel esta hypothese — ia talvez acordar.

*

Aproveitamos pressurosos esse estado de meia vigilia para termos a honra de servir uma pequenina idéa artistica embrulhada n'um papel e posta em uma bandeja aos pés do sr. ministro da guerra.

*

Sr. ministro! Por um velho habito adquirido, posto que inteiramente inverosimil e inexplicavel, este povo verte annualmente de seu bolso nos cofres do ministerio de vossa mui bellicosa excellencia a quantia de 4:000 contos de réis. Estes 4:000 contos destinam-se a manter no reino e a fazer passar uma vez por anno em frente do terraço do theatro de D. Maria e em roda da esta:ua do dador da carta um certo numero de regimentos com as suas musicas á frente tangendo o hymno da dita carta.

Ora sendo esses regimentos completa e absolutamente inuteis para toda e qualquer outra coisa que não seja o terem uma musica para tanger o hymno, o que é que se segue, excellentissimo guerreiro e senhor? Segue-se em rigor que este povo não paga 4:000 contos por anno a v. ex.^a para o exercito: paga-lh'os unicamente para a musica.

Esta circumstancia parece-nos que dá ao povo um tal ou qual direito a formular respeitosa-mente a pergunta que nós trazemos n'esta bandeja á presença marcial de v. ex.^a:

—O que é que faz a musica?

As tropas que não tocam instrumentos musicaes sabemos nós perfeitamente o que fazem. Fazem o pretexto chamado *regimento* encarregado de tomar as armas e de impellir adiante de si, com passo mais ou menos veloz, a musica. A nossa questão pois — digne-se v. ex.^a notal-o benignamente — é simplesmente esta :
— O que faz a musica ?

Ex.^{mo} sr., não azedemos o debate com os rancores partidarios. Não campeemos infrenes no terreno das allusões pessoaes, ex.^{mo} sr.! Não é de modo algum nosso intento lançar a minima suspeita sobre as cornetas de chaves da força publica. A unica coisa que pedimos a v. ex.^a é que se digne prestar por um momento o seu ouvido mavorcio aos ventos do seculo. Ouve por acaso v. ex.^a tanger os instrumentos de sopro da força publica ? Não os ouve tanger, pois não ? Nós pela nossa parte tambem os não ouvimos.

Repetimol-o : não queremos descer á tela das aggressões pessoaes, ex.^{mo} sr.! Citamos apenas o facto : Nós pagamos 4:000 contos annuaes para a musica tanger, e a musica não tange.

Não ignoramos que as musicas teem, além

da responsabilidade do hymno, a responsabilidade da defesa nacional. Se v. ex.^a nos afirma — não sob a sua artilheria, que essa não nos offerece garantias sufficientemente solidas, — mas sob a sua palavra, que as musicas se acham constantemente na fronteira rebatendo a golpes de figle a invasão das hostes inimigas, nós curvaremos a cabeça, remettendo-nos ao silencio.

Mas se v. ex.^a não póde affiançar-nos que os figles se acham todos em batalha bombardeando o inimigo, então que a musica toque para nós assim como nós pagamos para a musica.

Mandar uma charanga aos domingos tocar duas horas no Passeio Publico e outras duas horas no Passeio da Estrella, não é bastante. Em Paris, em Vienna, em Berlim, em toda a parte onde ha exercito, as musicas militares tocam nos sitios publicos não um só dia, mas todos os dias da semana.

Ousamos pois esperar que v. ex.^a ordene que as musicas dos regimentos de Lisboa toquem todos os dias durante algumas horas no Passeio Publico, no Aterro, na Estrella, no Loreto e na Graça.

Lembrariamos tambem a conveniencia de

não abandonar inteiramente ao arbitrio dos srs. mestres das musicas a escolha das peças que nós tivermos de ouvir.

O programma d'esses concertos gratuitos, destinados a influir na educação esthetica de um povo creado a ouvir unicamente guitarrar o fado, deve ser feito pelo Real Conservatorio. É certo que o Real Conservatorio é uma instituição puramente nominal: é por isso tambem que só lhe pedimos que nos dê alguns nomes — os nomes das boas symphonias.

Se este suave trabalho de nos fazer ouvir musica decente é incompativel com as forças do exercito, entendemos então, sr. ministro, que, só para fazer vista em frente do terraço de D. Maria e em redor da estatua do dador, a musica do exercito — o que é o mesmo que dizermos o proprio exercito todo — poderá vantajosamente substituir-se por alguns clarinetes pendurados no Rocio.

O sr. Teixeira de Queiroz (*Bento Moreno*), no seu ultimo romance intitulado *Os Noivos*, aponta com dedo de mestre uma das grandes chagas devoradoras da moralidade dos costumes na sociedade de Lisboa. Essa chaga é a *casa d'hospedes*.



A casa d'hospedes, é uma especialidade mercantil de Lisboa, que nada tem commum com o *appartement garni* em Paris, ou com o *furnished-apartments* em Londres. Em Lisboa, n'uma enorme quantidade de casas não é somente o quarto que se aluga, — aluga-se a familia.

O *Diario de Noticias* apparece em cada dia coberto de annuncios que revelam esse facto:— *Um sujeito morigerado deseja ser recebido «como familia.»* — *Em casa bem situada recebe-se hospede para ser tratado «como pessoa de familia»* — Ha gente que se offerece a conceder e a aceitar no seio das familias um logar d'hospede. As estatisticas da policia não dão idéa alguma do numero de pessoas que celebram d'estes contractos porque, para o fim de se exhírem

ao imposto industrial de quem tem hospedaria, os que recebem hospedes nas condições referidas não o declaram. É um facto clandestino, mas extremamente vulgar. As casas d'hospedes em Lisboa são innumeraveis e representam outras tantas familias no estado de dissolução.

Estar na familia sem ter familia é estar na concubinagem. O titulo d'hospede agrava a sordidez d'esse estado *de casa e pucarinho*, que nem sequer se explica pelos allucinamentos da paixão ou pelas fatalidades brutaes do temperamento. A casa d'hospedes é a concubinagem irresponsavel, é o illicito legalisado, é a vergonha domestica posta ao abrigo do despreso publico. Nada mais torpe do que esse communismo abjecto da roupa suja.

O hospede tratado como em familia... por dinheiro é a maior baixesa a que póde chegar o sentimento da familia e o sentimento da hospitalidade.

O hospede tratado em familia... por dinheiro é, além d'isso, um contrasenso e um absurdo. Onde entra o hospede a familia acaba. Porque a familia não é unicamente a conjuncção do homem, da mulher e da prole sancionada pelo

sacramento da Igreja perante o prior de uma freguezia. A familia é um pacto d'honra entre dois entes que se unem para se completarem no individuo social. Esse pacto basea-se na mais estreita intimidade de idéas, de sentimentos e de intuitos. Quando n'essa intimidade um extranho intervem, o pacto está quebrado. A solidariedade dos contrahentes desaparece perante a violação mais grosseira do que ha de mais secreto, o amor que os ligava. E a educação dos filhos desaparece igualmente com a ruptura da sua união com os paes.

Além da sua influencia dissolvente como extranho, o hospede *recebido em familia* actua ainda na desordem domestica pela sua influencia corruptora como parasita social. Porque o hospede é de ordinario um cidadão pouco exemplar, é a ave que não faz ninho como o cuco. É quasi sempre o vadio, o requerente, o pa ndego pobre, o padre dorminhoco.

Imaginem quaes serão os destinos de centenaes de familias em que a ordem domestica tem de ser regulada por taes convivencias, de sorte que as não incommode o hospede patusco que toca guitarra com as visitas á noite, nem incommodem ellas o hospede ecclesias-

tico que tem ás tardes o costume de se encostar!

E' tal a importancia que tem o poder do patronato nas convicções portuguezas que quando ultimamente cahiu enferma sua magestade a rainha, os mesarios das differentes confrarias religiosas (que são os individuos com mais relações pessoas no ceu) decidiram logo que não seria possivel conseguir que sua magestade morresse com menos precipitação nem com menos frequencia senão mettendo-se alguns empenhos a Deus. E começaram as preces da parte de todas as irmandades.

O Altissimo, coagido pelos estuches das corporações religiosas de todo o reino, foi obrigado a ceder por esta vez, e a infausta morte da augusta soberana ficou para outra occasião.

Os mesarios, considerando que a existencia de sua magestade não era mais do que um favor particular do Todo Poderoso a ss. ex.^{as},

determinam agra decer a deferencia divina e entoam os *Te Deum* para o fim de tornar publica no ceu a gratidão de que se acham possuidos.

Nós tínhamos visto o patronato substituir a capacidade intellectual e moral dos cidadãos; tinhamol-o visto sob a fôrma de rectidão, sob a fôrma de justiça, sob a fôrma de competencia, sob a fôrma de portaria, sob a fôrma de decreto, sob a fôrma de diploma e sob a fôrma de sentença. Não podemos occultar a alegria com que folgamos de ver mais uma vez esse conhecimento velho sob o aspecto novo de agente therapeutico para uso das corôas indispostas.

*

Em quanto os mezarios manipulavam a tisanã do empenho ao Divino para acudir á rainha, o povo conscio de seus deveres em tão dolorosa conjunctura dirigia-se aos reaes paços e collocava-se pressuroso e amante ao lado de el-rei afflicto, para o mitigar.

O soberano, voltando por acaso a cabeça para o lado em que estava o povo e vendo-o no acto de o mitigar pelo dito lado, considerou-se feliz e lançando mão da pena escreveu ao sr.

Fontes, no seu favor de 4 do corrente, as palavras seguintes :

«Felizes os reis que, nos seus dias de amargura, encontram o povo ao seu lado para pelo seu amor lhes mitigar a afflicção. Desejo pois, meu caro Fontes, que faça constar a todos os portuguezes quão gratos estamos a rainha e eu a tantas provas de interesse e affeição».

Logo que recebeu o real favor de 4, o sr. Fontes correu veloz ao lado de el-rei para agradecer ao povo. Mas o povo não se achava já áquelle real lado. Tendo mitigado a afflicção do monarcha, o povo, pegando no chapéu, na bengala e no estojo dos lenitivos, desapparecera como por encanto. O sr. Fontes diligente procurou-o debalde por todos os cantos do palacio, por traz das portas, por debaixo das camas, pelas frinchas do throno.

O soberano sentado no solio, com a sua corôa na cabeça e o seu sceptro em punho, houve por bem dizer com magestade:

— Procurem-o que hão de dar com elle!
Ainda agora mesmo elle esteve aqui assim, que o vi eu, a este regio lado, mitigando-me.

E, pousando o sceptro nos joelhos e cerrando um pouco os olhos, sua magestade repetia a

cantata dirigida ao sr. Fontes em data de 4:
Felizes os reis, etc.

O sr. Fontes transpirava de angustia, porque não podia achar o povo. S. ex.^a interrogou os archeiros: — Viram por acaso sair o povo? — Mas os archeiros não tinham visto sair semelhante coisa.

O sr. Fontes arrancava o cabello aos punhados e dava-o ao sr. Nazareth, dizendo-lhe com furia:

— Não posso saber o que foi feito do povo!...
Maldição!

El-rei mettia o sceptro debaixo do braço, cruzava os braços no peito com tenacidade e repetia:

— Procurem-o até o achar! *Felizes os reis, etc.*

O sr. Fontes tomou então uma resolução desesperada. Dirigiu-se ao sumilher da cortina e pediu-lhe que lhe corresse a cortina. Correram-lh'a. E s. ex.^a bradou com voz afflictiva para o interior dos reaes paços:

— Pegou para ahí alguém no povo, que estava ainda agora aqui assim ao lado de el-rei?
Ninguem se accusou.

O sr. Fontes deu um nó no collar do Tosão

de Ouro que trazia ao pescoço e principiou a puxar. S. ex.^a ia terminar seus dias. Mas el-rei deteve-o com um gesto, dizendo:

— Comprehendo tudo! Retirem-se. Escusam de procurar mais.

E o principe enrolou-se todo no manto real, carregou a corôa para cima dos olhos, e ouviram-o dizer, sombrio e tetrico, com voz cava:

— Fizeram-lhe o mesmo que me costumam fazer á prata por occasião dos festins; roubaram-me o povo! *Felizes os reis, etc.*

Assim nos contaram os factos, que reproduzimos com a devida reserva.

N'este mez um ministerio acabou de cahir, mas vem já outro, no lugar d'elle, pelo ar. *Felizes os povos!*

Ernesto Chardron — Editor

Camillo Castello Branco

CANCIONEIRO ALEGRE, 1 vol.	15200
SENTIMENTALISMO E HISTORIA (a sair do prelo), 1 vol. ..	600

Luiz Augusto Palmeirim

GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS, 1 vol.	800
---	-----

Gervasio Lobato

COMEDIA DE LISBOA, 1 vol.	600
--------------------------------	-----

Ruy da Camara

VIAGEM A MARROCCOS, 1 vol. illustrado	15000
--	-------

Cunha Seixas

GALERIA DE SCIENCIAS CONTEMPORANEAS, 1 vol.	13500
--	-------

F. Bastiat

SOPHISMOS ECONOMICOS, 1 vol.	600
-----------------------------------	-----

Eça de Queiroz

O PRIMO BAZILIO, 2. ^a edição	15000
O CRIME DO PADRE AMARO, 2. ^a edição	15000

Gaspar Paúl

CODIGO CIVIL ANNOTADO, 1 vol.	15600
MANUAL DO RECORRENTE, 1 vol.	600

Francisco Antonio Veiga

O DIREITO AO ALCANCE DE TODOS OU O ADVOGADO DE SI MESMO, 1 vol.	25000
---	-------

Balmès

PHILOSOPHIA ELEMENTAR — LOGICA — METHAPHYSICA — ETHICA — HISTORIA DA PHILOSOPHIA, 2 vol.	15200
--	-------